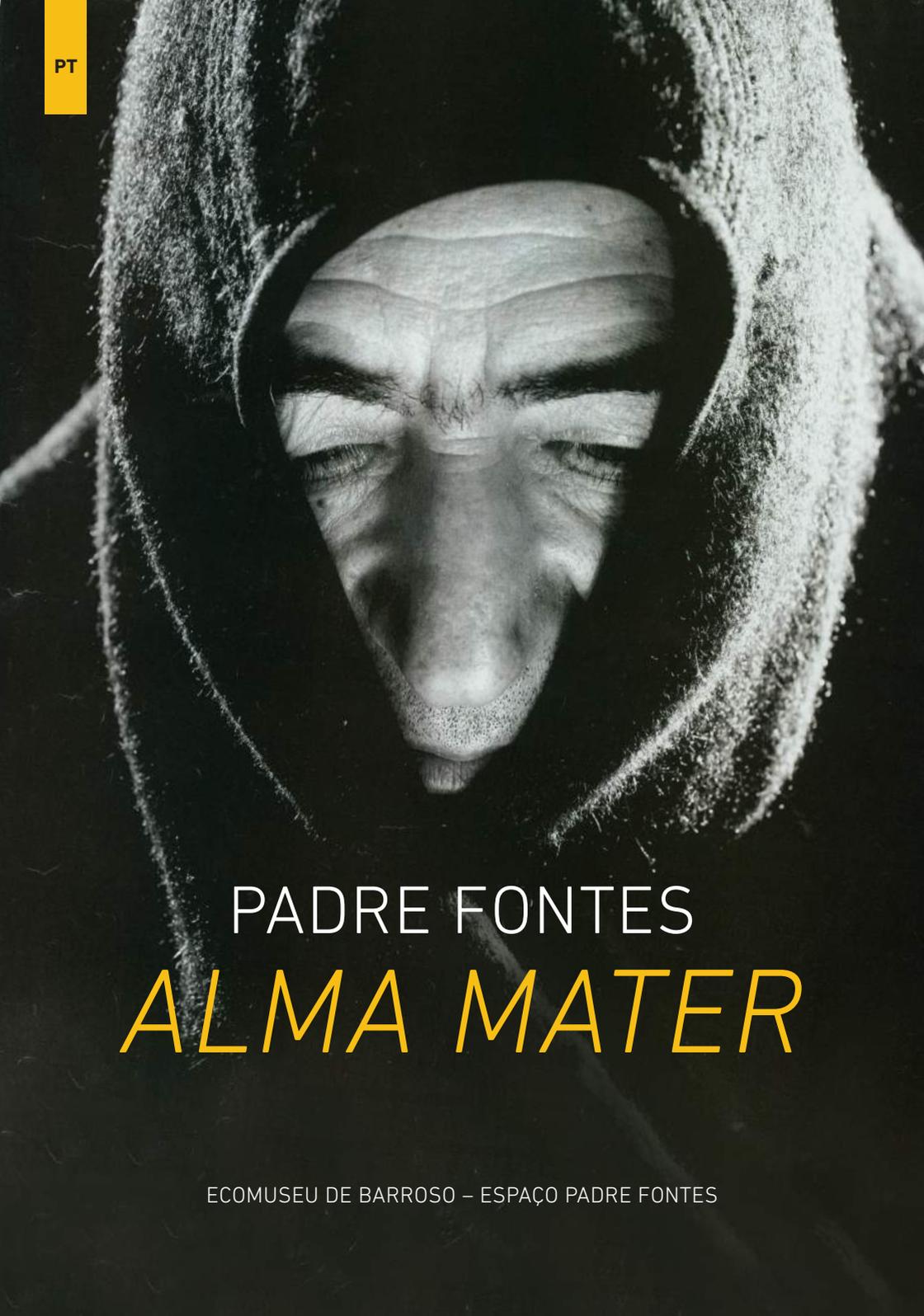


PT



PADRE FONTES
ALMA MATER

ECOMUSEU DE BARROSO – ESPAÇO PADRE FONTES

Juventude e Seminário (1940-1962).

António Lourenço Fontes prefere ser considerado um homem comum. Um homem normal entre iguais. Nada poderia estar mais longe da verdade. Desde muito jovem que as suas invulgares capacidades intelectuais foram notadas. O espírito vivaz e o temperamento irrequieto fizeram-no destacar entre os demais. Concluiu a escola primária em apenas 3 anos e, em plena década de 1940, rapidamente se lhe anteviu uma ida para o seminário. O fascínio pela Comunicação foi uma característica latente do jovem de Cambezes do Rio. O rádio do pároco da sua aldeia foi um dos seus objetos de fixação. Mais tarde revelará que um dos motivos que o levaram a tornar-se sacerdote foi precisamente ter a possibilidade de adquirir um aparelho semelhante.

Em 1950 ingressou no Seminário de Vila Real e, a partir desse momento, António Lourenço Fontes começou a trilhar o seu próprio caminho de fé, a construir o seu sistema de crenças, a compreender a pluralidade de mundos em que vivia. A umbilical ligação ao torrão natal saiu reforçada com a intermitência da sua relação com Barroso durante 12 anos. Graças a esta contingência confirmou as duas principais vocações: pároco e etnógrafo.

A distância que então separava Vila Real de Barroso proporcionou-lhe a visão futura relativamente ao singelo e maravilhoso mundo em que viveu até aos 10 anos. No seminário, logrou contactar com jovens oriundos de todas as regiões de Trás-os-Montes e constatou as diferentes referências identitárias presentes em cada um. Nos períodos de férias, sempre que regressava a casa, observava as subtis alterações no quotidiano da sua aldeia. A sua mãe, Ana de Jesus Lourenço, representou a principal referência familiar.

Colocou-o em contacto com a cultura popular de Barroso por forma a proteger o jovem António dos males do mundo, agora que se encontrava longe da influência familiar. Sempre que possível, sentava-se junto dela, na cozinha, ouvindo fascinado o desfilhar de estórias e ladainhas típicas de Barroso. Na rua, nos serões, nas festas e romarias juntava-se às anciãs e anciãos a conversar, bebendo da sabedoria popular tudo o que lhe era possível. Neste período praticou o gosto pelas viagens. Sempre que a oportunidade surgia partia sozinho, de mochila às costas, à boleia, explorando Portugal e Espanha. No seminário, o entusiasmo com que partilhava as pesquisas etnográficas com os colegas não era, frequentemente, bem visto pelas autoridades da escola. A sua forma de estar era algo marginal à cultura e à mentalidade de quem almejava tornar-se padre. No decorrer deste período, juntamente com vários colegas, deu azo à veia jornalística e literária. Presidiu ao grupo Academia Missionária, vocacionado para a tertúlia literária e filosófica e foi cofundador do jornal A Manta, publicado entre 1961 e 1962. No periódico, António Lourenço Fontes assinou vários artigos com o pseudónimo “Ramiro Concha do Rio” que, anos mais tarde, voltaria a usar nos seus escritos. Por esta época ganhou o hábito de viajar frequentemente a Ourense, com o intuito de adquirir livros para si e para os seus colegas que, de outra forma, não seria possível aceder.

Mau grado alguns dissabores nos últimos anos de seminário que o levaram, inclusive, à expulsão temporária, sob a acusação de participar numa festa popular, em 1962 termina a sua formação teológica. Nesta fase, os planos que António Lourenço Fontes gizou para si eram ambiciosos. Almejava prosseguir os estudos eclesíasticos em Roma, no Pontifício Colégio Português tendo para tal solicitado permissão ao bispo. O Destino tinha, contudo, previsto algo completamente diferente para si, quando a 23 de junho desse ano é finalmente ordenado padre.

Período de Tourém (1963-1971).

Em 1963 ficou responsável pela paróquia raiana de Tourém, Pitões das Júnias e Covelães, já depois de ter passado um par de meses em Covas de Barroso. Este período constituiu um dos mais profícuos da sua vida, quer ao nível do enriquecimento intelectual, quer ao nível da ação social que protagonizou. O contacto com uma realidade socioeconómica profundamente encerrada em si própria, em estado quase puro, impulsionou o jovem pároco numa demanda muito maior que a investigação etnográfica e antropológica - a descoberta interior - que o marcou profundamente como ser humano. Neste período, com a colaboração de sua irmã Maria de Jesus, compilou e redigiu aquelas que constituem as suas obras de referência - A Etnografia Transmontana, volumes I e II. A par com a investigação científica, no início da década de 1970, promoveu diversos cursos de capacitação agrícola e programas de distribuição de comida às populações carenciadas da raia. Os dois irmãos reuniam alimentos de primeira necessidade e, ao invés de os distribuírem pelas aldeias, confeccionavam-nos na casa paroquial, oferecendo as refeições já cozinhadas à população. Foi precisamente durante este período que optou por não usar batina nem cabeção, uma decisão deveras irreverente para a época.

O isolamento geográfico era mitigado de várias formas. Viajava frequentemente a Ourense, ora acompanhando paroquianos em visitas médicas, ora para adquirir livros e revistas, hábito que já vinha dos tempos de seminário. Tornou-se correspondente em Barroso de vários jornais regionais, onde escreveu artigos de índole etnográfica e histórica relativos à Cultura Barrosã. Em um desses jornais, o Notícias de Chaves, um dos seus artigos é descoberto pelo ilustre professor Joaquim Santos Júnior, da Universidade do Porto.

Impressionado com a clarividência e a qualidade do texto do jovem barroso, convidou-o a realizar uma conferência alusiva às “Bodas à Antiga em Barroso”, na cidade invicta. O impacto do jovem etnógrafo na comunidade académica foi tal que Santos Júnior propôs a sua adesão à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, a qual foi retificada e aceite a 18 de dezembro de 1968.

Vilar de Perdizes e a década de 1970.

Em 1971 foram-lhe confiadas novas responsabilidades pelo bispo. Iniciou então um novo período da sua vida, desta vez a paroquiar as aldeias de Vilar de Perdizes, Meixide e Soutelinho da Raia. Tratava-se de um território já conhecido por parte do Padre Fontes que, em 1970, havia participado na recriação, em Vilar de Perdizes e em Covelães, de um grandioso Auto da Paixão. Mais tarde, entre 1976 e 1977, a grande celebração foi repetida, servindo de base à longa-metragem de Philippe Constantini e Anna Glogowsky intitulada “Terra de Abril”.

Em 1972 publicou, em parceria com o amigo de longa data Barroso da Fonte, uma espécie de pré-ensaio para a sua Etnografia Transmontana, intitulado Usos e Costumes de Barroso, trabalho que compila parte da informação por si recolhida em Barroso, desde os tempos de jovem seminarista. Durante este período aprofundou a intervenção etnográfica e científica promovendo, por exemplo, a criação do Rancho Folclórico de Vilar de Perdizes (1975) e o congresso internacional que celebrou o Milenário de S. Rosendo (1977), publicando ainda a obra Aras Romanas e Terras de Barroso Desaparecida (1978). Data igualmente deste período a criação do jornal Notícias de Barroso, periódico de referência regional, com sede em Vilar de Perdizes, cujo processo editorial era totalmente executado por si, e que se manteve sob a sua direção até 2006.

A chegada da medicina convencional a Barroso marcou profundamente o trabalho futuro do Padre Fontes. Em 1973, em paralelo com a ocupação de pároco, trabalhou nos Serviços Médicos Sociais de Montalegre. Nesta fase, testemunhou in loco a difícil convivência entre a medicina popular, enraizada na tradição, e a medicina convencional, recém-chegada a Barroso, na forma do médico de família. No espírito prático e analítico do Padre Fontes começou a desenhar-se a criação de um evento capaz de fazer a ponte entre dois mundos, aparentemente antagónicos, mais tarde materializado no Congresso de Medicina Popular.

Entretanto, entre 1974 e 1977 são finalmente publicados os dois volumes da Etnografia Transmontana, cujo título originalmente idealizado pelo Padre Fontes seria Etnografia Galaico-Transmontana. A publicação das duas obras inseriu-se num contexto pessoal e profissional extremamente prolífico do seu percurso. Por um lado, entre 1975 e 1980, frequentou e concluiu a licenciatura em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e, por outro, tornou-se bolsheiro de investigação da Fundação Calouste Gulbenkian, durante o primeiro semestre de 1978. A reputação granjeada pelo seu trabalho impeliu-o a participar, como orador ou simplesmente como interessado, em dezenas de congressos e colóquios científicos, em Portugal e em Espanha. Destes, merece destaque o histórico Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, realizado em 1980 na cidade de Guimarães, onde o Padre Fontes apresentou a conferência Culto ao Deus Larouco, Júpiter e Atégina.

Em Montalegre, uma das obras mais emblemáticas deste período foi o Centro Social e Paroquial de Vilar de Perdizes, inaugurado em 1976. Previsto inicialmente com valências de museu, teatro e jardim-de-infância, o espaço permanece atualmente como uma referência do labor do Padre Fontes junto da comunidade que o acolheu.



**“O Porto comigo não cresce,
e a minha terra, sem mim, míngua.”**

O Congresso de Medicina Popular de Vilar de Perdizes.

Em 1983 nasceu aquela que, para muitos, é considerada a maior realização do Padre Fontes - o Congresso de Medicina Popular - realizado na aldeia de Vilar de Perdizes. Ao longo de mais de três décadas, o congresso representa um espaço de diálogo e reflexão tendo por base as práticas tradicionais de medicina popular e as técnicas associadas à medicina científica. Mais do que instigar à polémica, o Congresso de Medicina Popular procura sistematicamente, nas palavras do próprio Padre Fontes, “combater a ignorância que é a causa de todos os medos e o terreno fértil para toda a sorte de charlatanices, aldrabices, fraudes e embustes”. Por outro lado, procura atrair para o debate público campos aparentemente antagónicos para que, de forma construtiva, se promovam formas mais eficazes de cura das diversas maleitas, físicas e psicológicas.

O Congresso de Medicina Popular constituiu uma verdadeira revolução sociocultural, sobretudo no concelho de Montalegre. Académicos, médicos, bruxos, endireitas, charlatões e vendilhões do templo, exorcistas e um rol infundável de curiosos desaguam, ano após ano, na pequena e remota aldeia de Vilar de Perdizes. A organização do evento, centrada na figura magnética do Padre Fontes procurou, desde o início, criar programas turístico-didáticos capazes de fixar os participantes vários dias no território: viagens ao campo, provas de chás e visitas a monumentos arqueológicos. O sucesso do modelo de funcionamento traduziu-se na criação de circuitos turísticos de valorização do território bem como em experiências pioneiras no campo do turismo de habitação, com claro retorno financeiro para as populações. O reconhecimento do potencial turístico e cultural, especialmente do concelho de Montalegre, contribuiu para reforçar a ideia latente de criação de um Ecomuseu de Barroso, cujo conceito se encontrava, por essa altura, a ser estudado.

A promoção da Cultura Barrosã através da organização de eventos e atividades educativas orientadas para a natureza não era inteiramente novidade no trabalho do Padre Fontes. A sua vasta experiência em trabalhos de campo, proporcionou-lhe um aguçado conhecimento do território. Ao nível científico, cedo tomou contacto com as atuais tendências turísticas nacionais, nomeadamente ao participar no seminal 1º Congresso de Turismo Local e Regional realizado em Lisboa no ano de 1978. Como resultado da sua participação, em 1981, uma delegação da Direção-Geral do Turismo de Lisboa visita o concelho onde constata, em primeira mão, o potencial escondido do território no que ao turismo diz respeito.

O Congresso de Medicina Popular catapultou em definitivo a imagem e o trabalho do Padre Fontes para o espaço mediático. A diversidade de participantes e de temas abordados, alguns dos quais profundamente polémicos, conferiram ao evento uma imagem nem sempre credível, por vezes excessivamente ligada ao oculto e ao esotérico. Contudo, importa salientar a presença, desde 1983, de uma numerosa comunidade científica. Médicos, enfermeiros, docentes do ensino secundário e universitário, etnógrafos, antropólogos e outros investigadores, emprestaram ao Congresso de Medicina Popular uma inquestionável reputação de evento promotor do diálogo científico e de partilha de experiências.

A disseminação mediática do trabalho etnográfico do Padre Fontes custou-lhe alguns dissabores. Em 1994, o Bispo de Vila Real solicita o seu afastamento da organização do Congresso de Medicina Popular. O que constituiu uma tentativa de conter o fenómeno da proliferação das práticas associadas à Medicina Popular acabou precisamente por ter um efeito contrário. Do ponto de vista mediático e científico, o Padre Fontes era já uma figura amplamente reconhecida e profundamente respeitada. O elã criado pelo seu trabalho, em Barroso, na vizinha Galiza e um pouco por todo o país, proporcionaram ao contexto criado pelo Bispo de Vila Real a oportunidade de rejuvenescimento do Congresso de Medicina Popular, bem como do reforço da imagem pública do Padre Fontes.

A dinâmica criada pelo Congresso é sabiamente aproveitada pelo Padre Fontes para promover Barroso. O seu carisma, a par com a singularidade da dupla condição de padre/etnógrafo, conferiram-lhe o perfil ideal para a participação em diversos programas de televisão, nacional e internacional. O conhecimento profundo da cultura galaico-transmontana levou-o ao papel de figurante e consultor científico em filmes essenciais como “Terra Fria”, de António Campos (1992), “Cinco Dias, Cinco Noites”, de José Fonseca e Costa (1996) e, ainda na década de 1970, na longa-metragem de Philippe Constantini e Anna Glogowsky “Terra de Abril” (1977), filmado na íntegra em Vilar de Perdizes, com uma sequência intitulada “Les Cousins d’ Amérique” (1985). A partir da criação do Congresso de Medicina Popular, a sua presença em programas televisivos foi uma constante, onde se afirmou como uma autoridade incontestável no campo da Medicina Popular.

Décadas de 1980 e 1990.

Entretanto, o ritmo frenético do Padre Fontes não dava sinais de abrandar. Percorreu o país de norte a sul participando e organizando congressos, realizando visitas de campo de carácter científico, filmando e recolhendo todo o tipo de manifestações etnográficas. Em Vilar de Perdizes, no centro paroquial, organizou cursos de capacitação profissional: artesanato, apicultura, plantas aromáticas. Na década de 1980, organizou ainda vários congressos e eventos em redor de temáticas caras a Barroso: arquitetura popular, religiosidade popular, cantares ao desafio e tocadores de concertina no interior da igreja, festivais musicais e peças teatrais de índole popular; tudo com o intuito de chamar a atenção para o acelerado desaparecimento da Cultura Popular de Barroso. Um dos eventos mais significativos foi o Congresso Luso-Galaico Trás-os-Montes nos Caminhos de Santiago que, entre outras questões, abordou o papel de Vilar de Perdizes nas rotas de peregrinação para Santiago de Compostela.

Manteve uma acesa atividade científica plasmada, por exemplo, no conjunto de três artigos publicados para a Revista Brigantia, nomeadamente O jogo do galo na Península Ibérica e Cultura Popular da zona de Barroso, ambos de 1982 e Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Vila Real, de 1985, que comprovam a versatilidade e amplitude do seu trabalho durante este período.

As viagens constituíram desde sempre um elemento definidor da personalidade do Padre Fontes, quiçá influenciado pelo facto de seu pai ter sido emigrante nos Estados Unidos, na década de 1920. Durante décadas, logrou explorar os quatro cantos do mundo, sempre acompanhado da câmara fotográfica e da máquina de filmar. A título individual ou inserido em projetos pastorais, o conhecimento e as experiências adquiridas, permitiram-lhe acumular uma mundividência singular. Quanto mais conhecia da geografia mundial, mais valorizava o seu paraíso barrosão: a bonomia das gentes, a pureza do ar e da água, as paisagens de perder a respiração. As viagens proporcionaram-lhe o acesso a tecnologia de recolha de imagens até então inacessível em Portugal. Adquiriu máquinas fotográficas, câmaras de filmar e projetores de slides que se tornaram instrumentos únicos para o enriquecimento do seu riquíssimo acervo de fotografia e vídeo.

A Sexta-feira 13.

Uma parte muito significativa do trabalho do Padre Fontes encontra-se plasmada na Sexta-feira 13. Elementos estruturantes do evento como a superstição, a festa como fenómeno social e contexto de celebração pública mas, principalmente, um curioso sentimento de afrontação a todas as formas dogmáticas de olhar a Vida, moldam a sua matriz identitária. Estes aspetos demonstram a singularidade da Noite das Bruxas, ao mesmo tempo que se encontram dispersos pela vida e obra do Padre Fontes ao longo das várias décadas.

Podemos afirmar que a génese do evento situa-se no Congresso de Medicina Popular. Nesse acontecimento, onde o sagrado e o profano partilham o espaço mediático, o Padre Fontes explorou, ano após ano, o imaginário popular alusivo à superstição e ao fantástico, traduzido no célebre ritual da queimada e do esconjuro. Na senda daquilo que o Padre Fontes refere como “o desafio ao medo e aos mitos”, a Sexta-feira 13 procurou, desde o início, posicionar-se como um evento cíclico de contracultura, afrontando dois elementos reconhecidos tradicionalmente como portadores de má sorte: a sexta-feira e o número 13. O crescimento vertiginoso da Sexta-feira 13 não é mais do que um celebrar da cultura galaico-transmontana. A longevidade do evento, associada à sua permanente reinvenção preconiza a natureza agregadora e fraterna das grandes celebrações transmontanas. Durante anos o Padre Fontes foi testando essas mesmas características ao organizar eventos públicos, muitos dos quais tendo por base a dicotomia sagrado/profano ou, como o próprio refere, “profanar o sagrado e sacralizar o profano”.

Século XXI.

Após 30 anos como pároco de Vilar de Perdizes, o Padre Fontes é desafiado para a paróquia de Mourilhe, onde permanecerá de 2002 a 2005. Nesta aldeia barrosã adquire um solar, datado do séc. XVIII, que reabilita para turismo rural, revelando outra faceta da sua personalidade: o empreendedorismo orientado para o turismo cultural.

Com o virar do século, surge o reconhecimento institucional. Por parte do Município de Montalegre, recebeu as mais altas distinções oficiais: a Medalha de Mérito em 2000 e a Medalha de Honra em 2018. Em 2009, a sede do Ecomuseu de Barroso em Montalegre foi batizada de Espaço Padre Fontes, em homenagem ao seu contributo para a defesa e promoção da Cultura Barrosã.

No mesmo ano, foi agraciado pelo trabalho de uma vida em prol dos povos raianos: é nomeado Juiz Honorário do Couto Misto, um justo reconhecimento pelo labor em defesa da cultura galaico-transmontana. Em 2010 foi nomeado Arraiano Maior da Raia Seca, pela Associação Os Arraianos e, em 2014, foi agraciado com o prémio Cumbres del Suido, promovido pelo Centro de Estudos de A Paradanta y O Condado, na categoria Comunicação e Humanidades. Dois anos depois, em 2016, a Fundação Curros Enríquez atribuiu ao Padre Fontes o XXXII Prémio Celanova, Casa dos Poetas, pela extraordinária contribuição à divulgação da cultura galaico-transmontana.

O reconhecimento do povo de Vilar de Perdizes foi-lhe prestado em 2013 altura em que é inaugurado, junto ao Centro Social e Paroquial que ajudou a erguer, um busto que perpetua o seu papel no desenvolvimento não apenas da aldeia, mas de todo o território. Também nesse ano celebrou 50 anos de sacerdócio com um convívio à boa maneira barrosã, juntando a população de Montalegre num grandioso convívio.

Com o reconhecimento regional e internacional perfeitamente unânime, falta a devida homenagem por parte do Estado Português. Em 2012, uma primeira tentativa, promovida pelos deputados eleitos pelo círculo de Vila Real à Assembleia da República, com vista à atribuição da Ordem de Mérito não logrou surtir efeito.

O alcance e a extensão do trabalho do Padre Fontes é algo que não é possível qualificar. O papel desempenhado em prol do Conhecimento extravasa, incomensuravelmente, as fronteiras de Portugal. Dos muitos legados que o Padre Fontes nos deixa, um dos mais importantes reside na sua cultura de trabalho: apolítica mas globalizante, inoportuna mas sincera, leal a Barroso sem subserviência, independente mas agregadora.

Por todas estas razões, António Lourenço Fontes é Alma Mater de Barroso.

Montalegre 

